

Orógeno Araçuaí: estado da arte e desafios

A. C. Pedrosa-Soares¹; Fernando Alkmim²; Ivo Dussin¹; Luiz Carlos Silva³; Marly Babinski⁴; Camila Gradim¹, Daniel Gradim¹, Eliza Peixoto¹, Juliane Belém¹; Mahyra Tedeschi¹; Tatiana Dias¹; Tiago Novo¹

¹ UFMG-CPMTC; ² UFOP-DEGEO; ³ CPRM; ⁴ USP-CPGEO

RESUMO: Estudos sobre o Orógeno Araçuaí, realizados por equipes diversas, levaram à caracterização de sua estratigrafia regional, grandes domínios estruturais, principais componentes geotectônicos e estágios evolutivos maiores. Estudos recentes sobre o embasamento levam à caracterização do Complexo Pocrane como unidade essencialmente metavulcano-sedimentar riaciana (ca. 2,15 Ga), que representaria uma sucessão supracrustal do arco Juiz de Fora. Novos dados geocronológicos detalham registros de eventos tafrogênicos e da expansão oceânica da bacia precursora, bem como representantes de sucessões sedimentares e vulcano-sedimentares, pré-glaciais, glaciogênicas, pós-glaciais ou orogênicas, datadas do Toniano ao Ediacarano. Uma nova descoberta de magmatismo anorogênico sugere um rifte toniano (ca. 855 Ma) que permite traçar a bacia precursora até a fronteira Araçuaí-Ribeira, em terrenos anteriormente atribuídos ao embasamento paleoproterozóico. Os últimos dados isotópicos sobre o Complexo Jequitinhonha e Formação Mata Escura os situam como unidades da bacia precursora, correlatas da sucessão pós-glacial do Grupo Macaúbas. Datações U-Pb em zircões detríticos demonstram que todo o Grupo Rio Doce representa uma cobertura ediacarana do arco magmático homônimo. O que se tem mapeado como Grupo Andrelândia, na região meridional do orógeno, inclui duas sucessões distintas: uma, a oeste, pertencente à bacia precursora e outra, a leste, de natureza orogênica e equivalente ao Grupo Rio Doce. Novos estudos sobre o arco magmático têm demonstrado a inequívoca contribuição mantélica na forma de fácies gabróicas de plútons da supersuíte G1. Cartografia de detalhe e geocronologia U-Pb sobre a zona de sutura tem possibilitado separar unidades do embasamento policíclico de sua cobertura neoproterozóica e de plútons extremamente deformados do arco ediacarano, além de demonstrar a geração de granitos tipo-I no estágio sincolisional (supersuíte G2). Os estudos sobre a região de retroarco demonstram a enorme importância do Complexo Nova Venécia na geração de grande parte do plutonismo tipo-S sincolisional (G2), sua continuidade para a região meridional do Espírito Santo e suas diferenças em relação ao Complexo Jequitinhonha, outro importante gerador de granito tipo-S no estágio colisional. Por sua vez, estudos de detalhe demonstram que parte do que se considerava como produto da granitogênese G3 é, de fato, resultado de fusão parcial em auréolas de contato de intrusões G5. O mapeamento de detalhe do Feixe de Lineamentos Vitória-Colatina-Ecoporanga demonstra que esta marcante feição fotogeológica representa uma estrutura rúptil formada no Cretáceo, e não um resultado de reativação de estrutura anterior que controlaria o alojamento de intrusões da Suíte Aimorés (G5). Os desafios geológicos são muitos e sua resolução depende, sem dúvida, da realização de estudos de detalhe, em termos de campo e laboratório, tais como: estabelecer colunas estratigráficas internas, controladas com geocronologia de alta resolução, das unidades da(s) bacia(s) precursora(s) e sucessões orogênicas; estabelecer zoneamentos metamórficos e trajetórias PTt; pormenorizar os estudos petrogenéticos sobre as suítes plutônicas; e focalizar em detalhe a zona de sutura, particularmente no setor norte do orógeno. Mas, o maior desafio será, talvez, chegar a uma uniformização mínima da linguagem entre as equipes que atuam no Orógeno Araçuaí e vizinhanças, para o bem da produção científica e consolidação do conhecimento.

PALAVRAS CHAVE: ORÓGENO ARAÇUAÍ, BRASILIANO, NEOPROTEROZÓICO